

12 OUTUBRO

A música nunca é só música. A frase aplica-se a toda ela, a toda a música, mas torna-se mais evidentemente verdadeira quando nos cingimos à música popular urbana, à música que cresceu e se desenvolveu nas mais diversas e inimagináveis direcções desde que o swing tomou de assalto as mentes e os corpos jovens, desde que o choque eléctrico do rock'n'roll se espalhou numa gigantesca onda mundo fora.

A música é também emanção das cidades que habita, das gerações que nelas se sucedem, com diferentes centros geográficos, diferentes comportamentos e interesses, diferentes tradições e diferentes formas de questionar a tradição, com diferentes sons, naturalmente. O Cais do Sodré foi, historicamente, um dos bairros que fez a cidade de Lisboa, não na sua história oficial, mas na sua vivência marginal. Um centro à margem, e as margens e as artes sempre tiveram uma relação profícua.

Em 2010 e 2011, o Cais do Sodré foi filmado, as suas ruas e clubes e esquinas, os seus centros mais ou menos distantes, enquanto se filmava a música que, no Musicbox, fazia a noite daqueles dias. Noite e clube. A pop electrónica, música de pulsação física criada com instrumentos digitais, é o som dela, da noite, e dele, do clube. Música de madrugada, música de uma eterna ideia de futuro. Os Micro Audio Waves estiveram lá, naquele bairro da cidade, no clube que nele floresceu. É dessa história que falaremos. Da música, da cidade, da pop electrónica dos Micro Audio Waves.

Mário Lopes

(o autor não escreve segundo o novo acordo ortográfico)



21:00

MICRO AUDIO WAVES - musicbox club docs #2

Paulo Prazeres, 2010, 59'

Produção Co-Produção CTL / Droid id

intervalo 10'

conversa comentada por Mário Lopes

com António Forte, Flak, Gonçalo Riscado e Paulo Prazeres



Organização



arquivomunicipal de lisboa
videoteca

Coapresentação

Teatro do Bairro

ENTRADA LIVRE sujeita à lotação da sala | TEATRO DO BAIRRO Rua Luz Soriano 63, 1200-246 Lisboa

arquivomunicipal.lisboa.pt f @ X v



TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS

Do PUNK ao
NEAR SILENCE
parte 2

10 | 11 | 12 outubro 2024 às 21:00
TEATRO DO BAIRRO

TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS - DO PUNK AO NEAR SILENCE é um ciclo de visionamentos comentados onde se mapeia o encontro entre o cinema, a música e a cidade de Lisboa. Cada sessão deste ciclo conjuga a projeção filmica com uma conversa com músicas e músicos, cineastas, radialistas e especialistas da tipologia musical em foco.

No pré-25 de Abril, o jazz instala-se no Hot Club de Portugal e marca a cena musical da cidade, a partir de 1948, na Praça da Alegria. O rock irrompe em Lisboa na segunda metade dos anos 60 e as suas derivações, do hard rock ao rock progressivo, nos anos 70. Nos anos 90, a pop eletrónica surge na capital portuguesa.

A emergência destas várias tipologias promoveu movimentos de arte e cultura com impacto estético, sociocultural e político, que estiveram patentes nos comportamentos, atitudes e vivências. Movidas que envolveram espaços e bairros da cidade, ligados pela música como impulso comum.

Neste programa reunimos um conjunto de documentários e testemunhos que reconstituem esses momentos históricos e essa memória, numa aproximação às pessoas e locais que a fizeram e fazem, e às histórias de quem a viveu e vive por dentro, já que, em permanente transformação, a criação persiste.

Ilda Teresa Castro

10 OUTUBRO

O Hot Clube de Portugal (HCP) foi durante muito anos a única instituição que no nosso país agregou um número considerável de verdadeiros apreciadores e entusiastas desta música do Séc. XX, que é o Jazz. O HCP e o Luiz Villas-Boas, foram pioneiros na divulgação e criação de uma comunidade verdadeiramente interessada por esta estética, melódica e ritmicamente singular, e desta forma, esteve na origem de uma geração de melómanos, e mais importante do que isso, na origem de várias gerações de músicos que continuam (agora mais do que nunca) a enriquecer o panorama nacional, não só no jazz, como também em várias outras expressões musicais.

Será exagerado considerar que a sua importância na vida cultural da cidade, ascendesse a um nível global - apesar de poucos nunca terem ouvido falar do Clube, a maioria dos habitantes de Lisboa nunca por lá passou - mas teve sem dúvida, grande importância para um núcleo de verdadeiros melómanos, na divulgação da música, na possibilidade de fomentar debates que reuniam (e continuam a reunir) à volta de um tema comum, gerações bem distintas.

O HCP foi um ponto de encontro muito eclético do ponto de vista social e cultural e contribuiu, sem dúvida, na projecção do país e da cidade de Lisboa, entre milhares, provavelmente milhões, de executantes e apreciadores de Jazz por todo o Mundo.

Na minha perspectiva, um dos principais méritos do HCP reside no pioneirismo da divulgação do Jazz, factor essencial para a criação de público e músicos que enriqueceram o panorama cultural da cidade e do país. Musicalmente, creio poder dizer que o HCP tornou não só a cidade de Lisboa mais cosmopolita, como também Portugal.

Luís Hilário
(o autor não escreve segundo o novo acordo ortográfico)

21:00

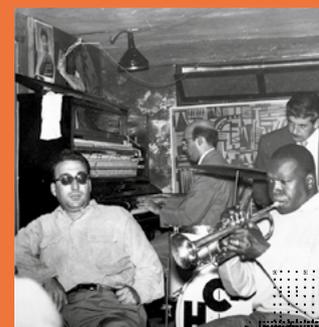
LUÍZ VILLAS-BOAS - A ÚLTIMA VIAGEM

Laurent Filipe, 2023, 59'

Produção LFP Lda.

intervalo 10'

conversa comentada por Gonçalo Falcão
com Carlos Barreto, Laurent Filipe e Luís Hilário



11 OUTUBRO

As luzes psicadélicas que, a partir de 1966, começaram a inundar os palcos onde se tocava *rock* constituíam um elemento importante do espectáculo total, dirigido às emoções físicas e espirituais dos novos *rockers*, ávidos de experiências no desconhecido. Em Portugal, esta noção de espectáculo total só muitos anos mais tarde iria ser concretizada. (...) Um dos primeiros grupos portugueses a utilizar efeitos de luzes multicolores foi os Plutónicos, por alturas de 1967/68. O grupo construiu os seus próprios *light-show*, de feição muito artesanal. Quanto às primeiras projecções de *slides*, parece-me terem sido feitas, em cena, pelo Renovação, em 1972/73 (era considerado o segundo grupo lisboeta a seguir ao Quarteto 1111), a que se seguiu o Hosana e o Aranha. O *rock psicadélico* e *underground* não teve no nosso país quase nenhuns cultores. As causas prendem-se muito mais com a dificuldade de acesso aos discos que revelavam esses agrupamentos estrangeiros do que, propriamente, com questões de escolha.

António A. Duarte
in *A Arte Eléctrica de Ser Português: 25 anos de rock'n Portugal*, 1984

Nos anos 1980, Portugal emergia de um período de revolução e transformação. A cena musical, em particular, estava em pleno processo de renovação, procurando uma identidade própria após décadas de ditadura. A indústria musical portuguesa estava dominada por grandes editoras que ditavam as regras do mercado, e a distribuição era limitada e difícil. As lojas de discos eram escassas, e os meios de comunicação davam pouco espaço à música alternativa. Em 1986, a editora Ama Romanta, surgiu em Lisboa como um farol na escuridão. Ama Romanta não era apenas uma editora; era um movimento contracultural, uma tentativa de romper com a estagnação musical que prevalecia no país. A tarefa de gerir uma editora independente naquela época era hercúlea. Ainda assim, a editora deu voz a uma geração de músicos que, de outra forma, poderiam ter permanecido na obscuridade. Cada lançamento era uma declaração de independência e uma celebração da criatividade sem limites.

Vitor Rua
(o autor não escreve segundo o novo acordo ortográfico)

21:00

PHIL MENDRIX

Paulo Abreu, 2015, 70'

Produção Daltonicbrothers / Bando à Parte

intervalo 10'

conversa comentada por Isilda Sanches
com António Duarte, Paulo Abreu e Vitor Rua

